



*Céu de  
Maracangalha*

**LUCIANA COMIN**

*Céu de Maracangalha*



Luciana Comin

*Céu de Maracangalha*

Fundação Gregório de Mattos  
Salvador, 2019



**Prefeito**

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

**Secretário Municipal de Cultura e Turismo**

Claudio Tinoco Melo de Oliveira

**Presidente da FGM**

Fernando Guerreiro

**Chefe de Gabinete**

Edwin Silva das Neves

**Assessora Chefe**

Viviane Vergasta Ramos

**Assessor Técnico**

Plutarco Drummond de Magalhães Neto

**Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação**

Eric Ferreira de Castro

**Assessora Jurídica**

Thais Conceição de Santana

**Gerente Administrativo-Financeiro**

Gildete Nascimento Ferreira

**Diretora de Planejamento e Projetos Culturais**

Silvia Maria Russo de Oliveira

**Gerente de Promoção Cultural**

Felipe Dias Rego

**Gerente de Equipamentos Culturais**

José Francisco de Assis Santos Silva

**Diretora de Patrimônio e Humanidades**

Milena Luisa da Silva Tavares

**Gerente de Patrimônio Cultural**

Magnair Santos Barbosa

**Gerente de Bibliotecas e Promoção do Livro e Leitura**

Claudijane Pereira Palma

**Assessora de Comunicação**

Patricia Lins Cerqueira Rocha Barbosa

Copyright © by Fundação Gregório de Mattos

Todos os direitos reservados.

**Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano II as seguintes publicações:**

**Adelice Souza** / *Álbum fabuloso* / Conto

**Antonio Farias de Oliveira Junior** / *O preferido de Exu* / Romance

**Carla Bittencourt** / *Kanoni* / Literatura Infantil

**Gilka Bandeira** / *Janelas abertas* / Crônica

**Luciana Comin** / *Céu de Maracangalha* / Dramaturgia

**Marcelo Lima** / *O Bicho que Chegou a Feira* / Livre - Adaptação

**Marcus Vinícius Rodrigues** / *Manual para composição de vitrais* / Poesia

**Nívia Maria Vasconcellos** / *A paixão dos suicidas* / Livre - Novela

**Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro Ano II**

Alana de Oliveira Freitas El Fahl, Carlos Jesus Ribeiro, Cleise Furtado Mendes, Edilene Dias Matos, Gerana Costa Damulakis, Maria Isabel Vianna Telles Velloso, Ordep Serra

**Coordenação** | Claudijane Palma e Magnair Barbosa

**Revisão** | Conceição Rodrigues

**Capa** | Samuca Andrade

**Fotografia da capa** | Alcione Ferreira

**Diagramação** | Carolina Valois

**Impressão** | Gráfica e Editora Liceu

F981c      Comin, Luciana  
                 Céu de Maracangalha / Luciana Comin;  
                 Fundação Gregório de Mattos. – Recife:  
                 Editora Liceu, 2019.  
                 74p.

1. Teatro brasileiro. I. Título.

CDU 869.0(81)-2  
CDD B869.2

PeR – BPE 19-188

ISBN: 978-85-5531-067-6

*Para Marc e Zizi. Sempre.*





*“Dinheiro é um pedaço de papel (...)  
Um pedaço de papel é um pedaço de papel  
Dinheiro não se leva para o céu”*

Arnaldo Antunes



O lançamento da **Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano II** é resultado do trabalho da Fundação Gregório de Mattos/ Prefeitura Municipal de Salvador, com as práticas de incentivo e promoção do livro e da leitura. A **Coleção** cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que *“incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais”*, consoante com o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

Esta coleção conta com oito títulos de autores baianos, que experimentam diferentes gêneros literários, passando pelo conto, romance, crônica, poesia, dramaturgia, literatura infantil e adaptação de um livro para a linguagem dos quadrinhos. Os temas variam desde questões pessoais, lendas infantis, racismo, até fatos reais, como na peça teatral *Céu de Maracangalha*, traçando um painel rico e diversificado da nossa produção literária.

João Ubaldo Ribeiro era irreverente, irônico, bem humorado... um contador de “causos” genuíno. Reunia qualidade literária em diversos gêneros e estilos, carisma, simplicidade e popularidade. Em muitos dos seus livros, trazia o contexto social do Brasil passeando pela culturas portuguesa e africana, sem negar suas raízes nordestinas. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo era romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional. Recebeu, dentre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Seus livros foram traduzidos para várias línguas e adaptados para o cinema, teatro e televisão.

O edital do **Selo Literário**, ao lado dos projetos **Literatura na Praça**, **Sacola Literária**, e da plataforma virtual **Caminhos Digitais da Leitura**, além da reforma e reestruturação das Bibliotecas Edgard Santos e Denise Tavares, visa aproximar cada vez mais o cidadão soteropolitano ao hábito da leitura, essencial para a formação de uma sociedade consciente e participativa.

Quero encerrar agradecendo às colegas Jane Palma e Magnair Barbosa, responsáveis pelo projeto, e à comissão de avaliação, que cuidou da seleção das obras. Boa leitura!

Fernando Guerreiro  
Presidente Fundação Gregório de Mattos



## *Sumário*

Personagens .....	15
Ato 1 .....	17
Ato 2 .....	27
Ato 3 .....	51



## *Personagens*

Luís – 46 - 50 anos, desempregado. Vive de bicos. Gosta de beber.

Silvana – 43 - 47 anos, desempregada, mulher de Luís.

Bento – 22 - 24 anos, trabalhador rural. Filho de Luís e Silvana

Rita – 43 - 48 anos. Uma vizinha, amiga de Silvana

Grilo – 24 - 26 anos. Amigo de Bento

Marina – 20 - 24 anos. Moça por quem Bento é interessado.

3 homens encapuzados

Homens e mulheres da cidade

A menina – filha mais nova de Luís e Silvana. Entre 7 e 9 anos. Não aparece fisicamente, mas é o tempo todo mencionada.

A história se passa em dois planos. O primeiro (Plano A) é realista e se passa na cozinha da casa de Luís e Silvana. Uma casa simples, que fica num distrito humilde, a 56 km da capital. O nome do distrito é Maracangalha. No segundo plano (Plano B) acontecem cenas de imaginação, lembrança dos personagens, além de relatos verídicos sobre a história do lugarejo. Esses dois planos se fundem e dialogam entre eles. Portanto, a sugestão é a de um cenário não realista.





*Ato 1***PLANO A**

*Silvana mexe nas panelas do fogão. Depois vai até a porta da que dá para a rua e encosta-se à porta. Expressão dura, amargurada.*

**PLANO B**

*Rita confecciona um um artesanato local, enquanto conversa.*

RITA - Dois bois, mais de dez carneiros, cinco porcos, uns cinquenta perus e quase cem galinhas! Ainda diz que a festa durou mais de uma semana! O povo ia se revezando na festa. Enquanto uns iam dormir, os outros acordavam pra comer e dançar tudo de novo. Mas se era o casamento da filha do homem mais rico que tinha aqui. Pra ficar na festa deles o povo tava liberado de ir trabalhar.

**PLANO A**

*Luís chega carregando uma garrafa de cachaça. Silvana e Luís mal se olham. Eles entram.*

**PLANO B**

RITA - Era fartura, viu, menina. Minha vó contava, que era uma riqueza só. Todo mundo empregado, vivendo bem. A Usina tinha pra mais de mil empregados. O homem da praça. Que tem o nome dele na praça. Era dono do empório. Uma loja com mais de nove portas que vendia de tudo. Tudo pra o povo não precisar ir pra lugar nenhum pra comprar nada. Pense que beleza viver assim, menina!

**PLANO A**

*Luís chega carregando uma garrafa de cachaça.*

LUÍS - A menina?

SILVANA - Dormindo.

LUÍS - Comeu?

SILVANA - Não quis.

LUÍS - Não quis. E tem querer?

SILVANA - Não quis e pronto.

LUÍS - Uma menina de 7 anos, doente. Tem querer nada?

SILVANA - Ela não come comigo. Vou lá empurrar comida goela abaixo de ninguém. Se quiser vá lá e dê você. Eu aqui ainda tenho que ver se o que sobrou inda vai dar pra mais três bocas.

LUÍS - A menina precisa, você sabe.

SILVANA - E a gente não precisa? Teu outro filho, que trabalha de sol a sol, que é o único que trabalha nessa casa.

*Luís olha para Silvana, vai responder, mas desiste. Senta-se à mesa e bebe uma dose de cachaça. Silvana olha para Luís e também não diz nada. Mexe nas panelas do fogão. Pausa.*

LUÍS - Eu tô mesmo curioso pra lhe perguntar uma coisa. Foi ontem, Luís? Foi. A menina, numa conversa besta, veio dizer que eu e você não era casados. Disse assim, sem mais nem menos.

SILVANA - Criança tem história.

LUÍS - Criança não inventa essas coisas, Silvana, ela escuta. E ela escuta é tudo direitinho.

SILVANA - E ainda escuta errado. Futriquentá. Coisa mais descabida é criança ouvindo conversa de adulto.

LUÍS - Se foi tu mesmo que falou pra ela. Disse que ia vender a aliança pra comprar roupa, já que não tinha mais marido... Falou?

*Silvana não responde. Continua mexendo na panela. Pausa. Barulho de panela*

SILVANA - A parte melhor da carne vou deixar pra Bento. Puxar roçado dá fome. Trabalho duro dos infernos. Quem não trabalha nem devia de sentir fome, acha não?

*Luís bebe mais uma dose de cachaça.*

SILVANA - Quero ver pegar numa enxada e passar o dia no sol alto. Mas quem nunca sustentou uma casa não sabe o que é. Bento aprendeu cedo. Deixou futuro, deixou estudo pra ser o homem da casa.

LUÍS - Você sabia que a menina ia me contar, ela não me esconde nada. Você falou de propósito.

SILVANA - Nem sei o que eu falei.

LUÍS - Meteu a menina no meio de assunto nosso só pra mexer comigo.

SILVANA - Vive doente essa praga, mas inventar ela sabe.

LUÍS - (*Levantando da mesa e se aproximando de Silvana*) - Provocação sua, Silvana, pra mim é bosta. É coisa que eu joga fora sem nem esperar feder. Eu nem escuto.

SILVANA - Só escuta o que não presta...

*Luís chega muito perto de Silvana, com tom ameaçador.*

LUÍS - Mas a minha menina tu não usa mais pra mandar recado desaforado, Silvana. Ela é criança, inocente. E a inocência dela tu não vai manchar com intriga suja.

*Eles ficam um tempo se olhando. Clima tenso. Depois Luís põe comida no prato. Silvana o observa com raiva e amargura.*

LUÍS - Esse é pra guardar pra menina.

*Bento chega do trabalho. Silvana vai ao seu encontro, como que pedindo socorro.*

SILVANA - Senta, filho. Come enquanto tá quente.

*Bento senta à mesa. Ele e o pai se olham, mas não se falam. Silvana põe a comida e os pratos na mesa e se senta também.*

BENTO - Vai chamar a menina?

SILVANA - Agora ela tá dormindo. Aproveita pra comer em paz.

LUÍS - Já separei o prato dela. Quando ela acordar eu dou.

*Comem em silêncio por um tempo. Silvana se levanta para pegar algo na pia e espia a janela.*

**PLANOS A E B**

RITA - Povo abençoado. Por isso é que tem essa alegria. Um lugar pequeno, que não é nem cidade e com três santos padroeiros! São Francisco, Santo Amaro e São Sebastião! E ainda tem Nossa Senhora da Guia protegendo pelas beiradas! (*Avista Silvana*) Ô, Silvana! Como é que tá indo?

SILVANA – Na mesma, Rita.

RITA - Na paz de Deus, né, Silvana? E dos nossos três Santos!

*Silvana acena e se volta para o interior da casa.*

SILVANA – Três santos. Três santos.

BENTO (*que estava distraído*) – Falou o quê, mãe?

SILVANA – Nada não, filho. Come senão esfria.

*Volta pra mesa. Ficam em silêncio de novo. Cada um perdido em seu próprio pensamento.*

*Silvana quebra o silêncio.*

SILVANA - Pegou a melhor parte da carne pra menina?

LUÍS - Ela precisa.

SILVANA - Eu disse que tinha separado pra Bento. Ele tem direito. Trabalha o dia inteiro, trás dinheiro pra dentro de casa.

BENTO - Deixa, mãe.

LUÍS - Vai querer tirar da boca da criança?

SILVANA - Só disse que Bento tem o direito de ficar com o melhor pedaço.

LUÍS - Melhor pedaço, o quê. Carne goguenta, de segunda, tem lá pedaço melhor! Deixe de criar caso, mulher.

SILVANA - Ainda reclama que é de segunda. Pois agora nem isso tem mais. Aproveite bem a carne goguenta que hoje é o último dia que a gente come. Já não se vende mais fiado pra gente.

LUÍS - Paciência.

SILVANA - E o aluguel da casa que já venceu três vezes, faz o quê?

LUÍS - Dá-se um jeito.

SILVANA - Qual é o jeito? Bento agora vai ter que trabalhar de noite também?

BENTO - Deixa mãe.

LUÍS - Também faço meus bicos. E só não trabalho mais porque se eu deixar na sua mão, a menina morre.

SILVANA - Conversa. Já vi vagabundo arranjar é desculpa pra não querer trabalhar.

BENTO - Deixa, mãe! Deixa eu comer em paz que eu tô cansado.

SILVANA - Desculpa, filho. Mas já tá faltando pra comida de amanhã.

BENTO - Faltam dez dias pra eu receber. O pai não fez um serviço na casa de Seu Aguinaldo?

LUÍS - Me pagou mixaria. Não tem nem pra ele.

SILVANA - Só deu pra comprar a cachaça dele que não isso não falta nunca aqui em casa.

LUÍS - Comprei o remédio da menina.

SILVANA - O dinheiro vai todo pra remédio e cachaça. Duas pragas na minha vida. Não tem quem aguento, Deus é pai.

BENTO - E a taboa? Dona Lêu não ficou de te ensinar?

SILVANA - Coisa difícil. Não levo jeito pra tear.

LUÍS - Leva jeito pra reclamar.

SILVANA - Mas vou aprender filho. Eu não nego trabalho. Você puxou a mim.

LUÍS (*tom ameaçador*) - Você tá procurando, Silvana. Já, já você encontra.

BENTO - Aquieta, mãe.

SILVANA - Quieta nada. Não tenho medo de cara feia. Cão que só faz latir acaba se mijando.

LUÍS - Me respeite.

SILVANA - Homem de verdade merece respeito.

*Luís se levanta da mesa irritado. Tensão.*

LUÍS - Vou acordar a menina pra ela comer.



*Luís sai. Bento e Silvana ficam por um tempo em silêncio. Depois de um tempo, Silvana toca no filho, com carinho.*

SILVANA - Que foi, filho?

BENTO - Nada.

SILVANA - É cansaço, né, filho? Vida miserável que você leva. Não tinha que ser assim.

BENTO - Não é nada, mãe.

*Silvana se aproxima do menino. Põe as mãos no ombro de Bento. Ensaia um carinho.*

SILVANA - E a tal Marina?

BENTO - O que tem?

SILVANA - Não é a filha de Lizete?

BENTO - É.

SILVANA – *(num tom forçado)* Bonitinha ela. Vocês tão...

BENTO - *(Interrompendo)* Tamo nada. Não vá inventar de falar nada com ela ou com Dona Lizete.

SILVANA – Falar o quê, filho? Só tô perguntando porque Rita viu vocês lá.

BENTO – Não tinha nada pra ver, nem nada pra falar, mãe.

SILVANA - Que é isso atrás da orelha? Tá é sujo, Bento. Ó pra o

pescoço como tá. Encardido.

BENTO - É da roça.

*Silvana pega um pano molhado e começa a limpar o filho. Durante o diálogo, o gesto de limpar transita entre carinho, compaixão e agressão, punição por ele se permitir acomodar nessa vida difícil.*

SILVANA - É da roça. E você diz isso cada vez mais conformado.

BENTO - É pra dizer como?

SILVANA - Menino moço ainda. Era pra estudar, trabalhar na Petrobrás, lembra? O arranjo era esse. Era pra você estudar, não se matar na enxada. Era você que ia tirar a família dessa miséria toda. E por culpa dele você se afundou nessa vida também. Por culpa dele

BENTO - *(Interrompendo)* Tô cansado, mãe.

SILVANA - Não é o pra estar? Olha essas unhas cheias de terra. E os calos. Isso lá é mão de menino dessa idade?

BENTO - Cansado também de ouvir a mesma coisa. Essa pinimba de você e meu pai. Todo dia essas conversas.

SILVANA - Se todo dia passa e nada muda. Só muda se for pra pior. Tudo difícil, dinheiro falta. E seu pai só pensa na cachaça e na menina. Dois fardos pra carregar na minha vida.

BENTO - Então não vive mais junto. Não tem mais jeito.

SILVANA - Se eu pudesse mandava embora. Mas aí eu faço como com a menina? Vai sobrar pra eu cuidar dela sozinha? Já pensei em ir eu. Mas vive como? Se nem o aluguel de uma casa a gente tá vendo jeito de pagar.

BENTO - Então também não adianta ficar falando tanto. É assim. É como é. Pronto.

*Silvana continua limpando Bento, de um jeito mais agressivo. Pausa.*

SILVANA - Não é assim, não, filho. Eu não aceito. E tu também não devia. A culpa é dele. Tudo por causa do que ele fez.

BENTO - É meu pai.

SILVANA - É teu carrasco.

*Luís entra com o prato na mão. Bento e Silvana olham pra ele com mágoa. Ele percebe os olhares e os desvia.*

LUÍS - Não deu jeito. A menina não quis acordar. Taí. Já tem essa sobra pra ela amanhã.

SILVANA - E nós? O que a gente come amanhã?

*Eles ficam um tempo em silêncio.*

SILVANA - Como é que vai ser amanhã?

*Fim do primeiro ato.*

## *Ato 2*

### **PLANO B**

*Uma música melancólica surge lentamente até tomar conta de todo o espaço. Depois de um tempo, essa música vai assumindo um tom mais sombrio e se misturando com ruídos fortes e irreconhecíveis. Aos poucos, esses ruídos vão tornando-se audíveis, até que se consegue reconhecer claramente o barulho de um avião de pequeno porte. Alguns atores vão invadindo a cena, curiosos, olhando para cima. O barulho do avião ficando cada vez mais alto. A música assume tom grandioso no momento em que se reproduz um som da colisão. O volume do barulho provocado pelo impacto é infernal. Todos em cena estão atordoados. Depois, impera o silêncio.*

DEPOIMENTO - Vi agorinha. Tava pipocando.

DEP. - Vi o gado correndo, assustado.

DEP. - Era um voo baixo, como se tivesse procurando um lugar pra pousar. Mas aí acho que não aguentou.

DEP. - Caiu.

DEP. – Eu apontei pro lugar. Meu pai disse assim: Só tem gado lá, menina. Gado? Não. É gente. Muita gente.

DEP. - A gente nunca viu um avião cair. Fomos tudo lá ver.

DEP. - Primeiro a gente viu o avião voando baixo com um barulho estranho. Depois aquele estrondo. Fui lá porque fiquei curioso. Ninguém chegava perto, com medo do avião explodir. Tinha um pedaço de corpo cabeludo, a gente pensou que era um lombo de um animal. Depois um pedaço de braço. Alguém se aproximou e viu dinheiro espalhado por todo canto.

*Durante os depoimentos, Rita se aproxima da casa de Silvana. LOCUÇÃO - Acidente com um avião monomotor da empresa de transporte de valores Bahia Táxi Aéreo deixou quatro mortos, na tarde desta quarta-feira (14), na Bahia. Estava na aeronave o piloto José Leão Bezerra de Araújo, de 55 anos e três funcionários da empresa: Romildo Moraes dos Santos, Arnaldo Dantas Ferreira e Genésio Barbosa. O avião caiu nas proximidades de São Sebastião do Passé, a 50 quilômetros de Salvador e transportava cerca de 5,5 milhões de reais.*

DEP. - Era muito dinheiro, tudo no chão. O povo enlouqueceu.

## **PLANO A**

SILVANA - Muito? Muito quanto?

RITA - Tanto que não dá nem pra contar. Ninguém sabe quanto, porque quem chegou lá primeiro encheu os bolsos, pegou muito mesmo e se picou. Depois a polícia chegou rapidinho, aí não sei.

SILVANA - Dinheiro caindo do céu!

RITA - É só o que se comenta. Cada hora chega um com uma história. Um fuzuê aí na rua.

SILVANA - E justo hoje a menina me inventa de piorar. Não posso botar o pé pra fora de casa. Castigo.

RITA - Não fala assim, mulher.

SILVANA - E quem pegou dinheiro, Rita?

RITA - Sei não. Muita gente. Acho que o povo que ficava lá por perto. Do assentamento lá perto da fazenda tinha gente.

SILVANA - E Bento, meu Deus! Será que ele viu? Como é que, meu

Deus, cai do céu tanto dinheiro do lado de onde Bento trabalha! Será que ele viu?

RITA - Se ele estava por lá, ele viu. Só o barulho que foi. Todo mundo que tava por perto foi ver o que tinha acontecido.

SILVANA - Então ele viu. Será que...

Luís chega da rua. As duas param de falar.

LUÍS - A menina?

SILVANA - Na mesma.

Ele sai para espiar a menina no interior da casa. Volta em seguida.

LUÍS - Ela comeu?

SILVANA - Só o que tinha.

Luís entrega dinheiro para Silvana.

LUÍS - Tome aqui. Tem pra pelo menos um mês de aluguel atrasado. Já dá pra acalmar o dono.

SILVANA - É do avião?

LUÍS - Que avião? Fiz um conserto lá em Sapucaia de Baixo e me pagaram isso aí. Que diacho de avião é esse que todo mundo tá falando pela rua, Rita?

RITA - Não soube ainda não?

LUÍS - Vi foi o povo todo comentando nas frentes das casas. Não

quis parar pra saber porque queria ver logo a menina. Amanheceu pior hoje.

RITA - Coitada.

LUÍS - Quando passei, Alumínio vinha chegando todo agoniado no bar. Num instante todo mundo cercou ele, querendo saber alguma coisa.

RITA - Alumínio, foi? Diz que ele tava lá na hora! Vou lá saber, Silvana!

SILVANA - Depois volte pra me contar!

*Rita sai.*

LUÍS - Tava lá na hora de quê?

SILVANA - Um avião que caiu lá pros lados da fazenda que Bento trabalha.

LUÍS - Tragédia. Mas caiu como?

SILVANA - Sei não, Luís. Mas diz que estava cheio de dinheiro! Muito.

LUÍS - Dinheiro de quem?

SILVANA - De ninguém! De quem achou primeiro! Será que Bento viu, meu Deus?

LUÍS - De alguém é que é. Não estava sozinho no avião.

SILVANA - Devia ser dos homens que pilotavam o avião. Mas se

eles morreram, o dinheiro é de quem achou! E foi muita gente que pegou, minha Nossa Senhora!(com grande excitação) Num instante a vida mudar assim! É loteria, é milagre! Sair da miséria assim, meu Deus! Dinheiro que caiu do céu pra aliviar o sofrimento dessa gente!

LUÍS - Mas se o dinheiro não é de ninguém daqui. Não tô entendendo esse povo não.

SILVANA - Oh, meu Deus! Caiu lá, pertinho de onde Bento tava! É o milagre que eu tava esperando, a saída pra vida do meu menino! Eu sabia que era ele. Sempre foi ele. Ele que ia me tirar dessa vida miserável. E o dinheiro caiu perto dele. Só pode ser coisa de Deus! Meu Bento tem que ter visto! Tem que ter!

LUÍS - Deixe de besteira, mulher. O dinheiro tem dono. O dono vem buscar.

SILVANA - Morreu tudo, não tá ouvindo não! (Feliz) Morreram! O dinheiro é presente de Deus!

*Os dois perdidos em seus pensamentos. Ela, animada, esperançosa. Ele refletindo sobre a morte. Pesaroso.*

LUÍS - E os mortos? Que foi feito deles?

*Silvana não responde. Pausa. Rita entra novamente, eufórica, um tom de voz acima do normal.*

RITA- Silvana! Oh, Silvana. É, vem, Bento. Avistei ele chegando. Vim logo pra cá para saber dele também.

SILVANA - Meu filho! (Vai até a porta chamando por ele, aflita) Entre logo, menino, venha! Venha, Bento!



*Bento entra em casa rapidamente e olha pra mãe com ar de assustado. Vê Rita e o pai e tenta disfarçar a respiração levemente ofegante, certo nervosismo.*

SILVANA - Você viu, filho? Diga? Viu o avião? Conte!

BENTO - Vi de longe.

RITA - Você num tava lá perto quando o avião caiu não?

BENTO - Eu tava.

RITA - E você não chegou mais perto não?

BENTO - Eu tava mais distante, quando cheguei já tinha muita gente e...

RITA - Não viu o dinheiro?

BENTO - Eu tinha ido falar com Seu Aguinaldo lá embaixo na casa. Ouvei o barulho, mas de onde eu tava não deu pra saber o que era. Depois quando subi, vi o lugar cheio de gente...

SILVANA - *(Interrompendo)* Então tu não viu o dinheiro?

BENTO - Eu não cheguei perto.

RITA - Mas você viu o povo pegando?

BENTO - Eu...

SILVANA - Você não conseguiu pegar nada?

BENTO - Peguei nada não, mãe. Não vi dinheiro nenhum não.

RITA - Como não viu, se tão dizendo?

BENTO - Não vi nada, porque quando cheguei a polícia já tava lá, correndo atrás dos que pegaram o dinheiro.

LUÍS - Tá vendo aí o que eu falei. O dinheiro não vai nem esquentar na mão desses doido. Não sei pra que tanta correria.

RITA - Mas conte: você viu o que mesmo?

BENTO - Eu já disse, Dona Rita. Ói, me disseram que Helô, Seu Crispin, Amaro, tava tudo lá antes da polícia chegar. E Seu Emílio também viu tudo.

RITA - Ah, é? Então vou lá em Emílio.

*Rita sai apressada. Silvana está desapontada. Pausa.*

BENTO - A menina melhorou, meu pai?

LUÍS - Tá do jeito que deixei de manhã.

*Pausa longa.*

LUÍS - Melhor assim, Bento. Quem pegou esse dinheiro vai ter que devolver. Ia só é criar gosto em sua mão.

SILVANA - Me conte direito o que você viu, filho. Não esconda nada de sua mãe não!

*Bento olha para o pai. Sente a reprovação do pai sobre esse assunto.*

BENTO - Eu tava distante, mãe. Fui falar com Seu Aguinaldo, pra ver se dava jeito dele dar um adiantamento.

SILVANA - Mas você não ouviu o barulho? Dizem que o barulho foi grande.

BENTO - Foi. Eu ouvi. Foi um estrondo, todo mundo assustou. Mas eu tava distante e fiquei de longe vendo.

SILVANA - Mas você não viu o povo correndo com dinheiro na mão, Bento?

BENTO (olhando para o pai) - Vi correria, mas não dava pra saber o que era.

SILVANA - E você não foi ver o que era?

BENTO - Tinha muita gente e... Eu fiquei mais Grilo, vendo o movimento. Eu não sabia que...

SILVANA (*inconformada*) - Você não viu que era dinheiro. Como pode perder, meu Deus, uma chance dessas! O negócio cheio de dinheiro vai cair do seu lado e tu não vê, Bento! Mas é sina, é castigo, nada muda na porcaria de minha vida!

LUÍS - Deixe de tanta falação à toa, mulher. É melhor encerrar esse assunto e cuidar da vida. Fique aí sonhando com o que não tem. A menina tá doente. Disso você não lembra. Eu vou ficar de junto dela.

*Luís sai. Silvana tem uma expressão dura. Olha fixamente a parede. O corpo rijo. Bento fica um tempo de cabeça baixa e depois olha pra mãe.*

BENTO - Mãe.

SILVANA (*sem se mexer*) - Sente aí que eu vou botar tua comida. (*pausa*)É só feijão, sem carne.

BENTO - Mãe. *(Se levanta, tira um montinho de dinheiro do bolso e ainda hesitante, entrega à mãe. Até o fim dessa cena, o diálogo é quase um sussurro).*

SILVANA - O que...

BENTO - *(Interrompendo)* Fale baixo.

SILVANA - Você...

BENTO - Tem cem reais aí. Fique pra senhora.

SILVANA - Você pegou? Você pegou do avião?

BENTO - Eu tava era bem perto quando o bicho caiu.

SILVANA - Meu Deus, meu filho!

BENTO - Tem mais, muito mais escondido, minha mãe. Eu peguei muito, o máximo que eu consegui.

SILVANA - Meu Deus, meu Deus!

BENTO - Eu peguei tudo que eu podia. E corri muito pra enterrar sem ninguém ver.

SILVANA - Quanto?

BENTO - Muito.

SILVANA - Muito quanto?

BENTO - Não sei, minha mãe, não deu tempo de contar. Fique com esse e não diga nada, tá ouvindo? *(Vai até a porta que dá pra ou interior da casa)* A menina tá acordada, eles podem ouvir. Não diga nada.

SILVANA - Meu filho! *(Ela quer rir, quer gritar, tenta se conter).*

BENTO - Quieta, mãe. Não fala nada!

Se abraçam emocionados.

SILVANA - Viram você pegando?

BENTO - O povo do assentamento tava lá. Mas todo mundo tava olhando só pro dinheiro, tentando pegar tudo. Nem eu sei dizer quem tava lá. Só...

SILVANA - Alguém conhecido te viu? Quem te viu?

BENTO - Teve um que viu.

SILVANA - Quem, Bento?

BENTO - Eu estava mais Grilo quando aconteceu. Ele correu junto comigo.

SILVANA - Nunca foi de confiança esse menino.

BENTO - Meu amigo, mãe. Não vai falar.

SILVANA - Se esse menino falar...

BENTO - Ele também pegou, mãe. Ele correu comigo e pegou todo o dinheiro que podia. Depois a gente correu juntos pra esconder.

SILVANA - Mas e se ele volta e pega tudo seu?

*Enquanto relata o que aconteceu, vai se afastando para fazer a cena com Grilo.*

BENTO - Não tem como. A gente correu junto, correu muito, até não conseguir mais respirar. Dinheiro por dentro da camisa, da calça, os bolsos, os braços cheios de dinheiro.

## **PLANO B**

*Grilo e Bento, ofegantes.*

GRILO - Ele viu, Bento.

BENTO - Viu não.

GRILO - Viu a gente correndo. Tava longe, mas viu.

BENTO - Foi só seu Aguinaldo que viu? Lembra de mais alguém?

GRILO - Na hora da confusão, tinha mais gente. E foi chegando mais.

BENTO - Todo mundo só tinha olho pro dinheiro caído. Se viram, foi de relance, que nem a gente. Não vão ter certeza.

GRILO - E Seu Aguinaldo?

BENTO - Ninguém pode provar. O jeito é se fazer de morto, fazer de conta que não sabe de nada.

GRILO - Agora, irmão?

BENTO - Agora é esconder. Até o caso acalmar.

GRILO - Onde?

*Pausa.*

BENTO - Daqui a gente se separa, irmão. É melhor não saber onde o outro escondeu.

GRILO - Melhor.

*Vão se separando...*

BENTO - Grilo!

*Grilo se vira.*

BENTO - Irmão, a gente tem que jurar. Pela nossa vida, Grilo. A gente não pode dizer nada.

GRILO - Tá mais que jurado, irmão. Se alguém perguntar, a gente diz que estava mais distante e não pegou nada. A gente estava junto.

BENTO - É isso. Assim, um confirma a história do outro.

GRILO - Você pensou numa coisa dessas quando acordou hoje, irmão?

*Eles se olham, e caem na gargalhada.*

GRILO - Acordar, ir trabalhar e ficar rico?

*Grilo continua rindo, mas Bento interrompe.*

BENTO - Cala a boca, Grilo. Não fala. A gente não pegou nada. É vida ou morte, irmão.

*Se olham.*

BENTO - Tá jurado, Grilo.

GRILO - Tá jurado.

*Bento se reaproxima da mãe, que assistia a cena.*

BENTO - Tá jurado, mãe. E você também tem que jurar.

SILVANA - Meu Deus do céu. Tô custando a acreditar, filho, é bom demais. Me leve lá, filho. Eu quero ver, Vamos contar quanto tem. Eu preciso saber quanto...

BENTO - Não pode, mãe, não pode de jeito nenhum! Se for lá agora, alguém segue a gente, é arriscado.

SILVANA - Mas e se alguém acha, Bento? A gente tem que guardar.

BENTO - Tá bem escondido, mãe. Deixa lá. Tem que deixar uns dias passar. Depois a gente vê o que faz. Por enquanto, é segredo, mãe. Só a gente pode saber.

SILVANA - Só a gente.

BENTO - Esse na tua mão já é teu.

*Ficam um tempo em silêncio. Silvana vai esquentar a comida do filho. Os dois comemorando internamente.*

## **PLANO B**

Passagem de tempo. LOCUÇÃO - A polícia baiana está procurando os R\$ 5,5 milhões que eram levados pelo monomotor fretado por uma empresa de transporte de valores que caiu, na tarde desta quarta-feira (14), no distrito de Maracangalha. O dinheiro desapareceu e a suspeita é que tenha sido saqueado. Até agora, a polícia recuperou somente 500 mil reais e bandidos estão atrás do dinheiro.



DEP. – Quando a gente viu o avião ficar fazendo volta sobre a fazenda, voar baixo e cair e fazer um barulho enorme, a gente foi lá ajudar. Mas quando vimos aquele monte de dinheiro, ninguém aguentou.

LOCUÇÃO – Ontem, moradores da região disseram que policiais militares invadiram suas casas em busca do dinheiro saqueado, sem mandado judicial e fazendo ameaças. O comando da PM baiana negou que isso tenha ocorrido.

DEP. – No meu bar, ao redor da minha mesa de sinuca no quintal, tinha uma mistura de euforia, culpa, tristeza, medo. Eu até esperava que os que pegaram o dinheiro fizessem mais compras por aqui. Mas agora é só medo que a gente vê. Só medo.

## **PLANO A**

*Silvana arruma a cozinha. Está mais leve e sonhadora. Entra Luís.*

LUÍS - A menina?

SILVANA - Deixei ir brincar aí na vizinha.

LUÍS - Eu vou buscar. E ela não sai mais de casa por enquanto.

SILVANA - E por quê? Se amanheceu melhor e tudo.

LUÍS - Não sai. Tá perigoso aí na rua.

SILVANA - Exagero.

LUÍS - Exagero não. É polícia passando toda hora, parando e revisando gente. Carro e gente estranha toda hora rondando. O povo está diferente, desconfiado.

SILVANA - É por causa do avião. Daqui a pouco o povo esquece.

LUÍS - Mas enquanto isso, a menina não sai mais. Não é ambiente pra ela.

SILVANA - Eu bem sei o que é isso, Luís. Isso é ruindade sua, vontade de me ver aqui presa, escrava dessa menina. Não pode me ver sozinha cuidando das minhas coisas.

LUÍS - Você não fala o que preste, mulher. É que não viu como é que está lá fora.

SILVANA - Não vi mesmo não. Se eu não saio de casa é nunca por causa dessa menina. Não vi porque fico aqui de escrava!

LUÍS - Pois se não viu fique sabendo. Tem muita gente presa, sendo forçada a entregar o dinheiro que roubou do tal avião. Gente apanhando de polícia, pra confessar. E tem mais gente sumida. No acampamento sem terra, foi um monte que desapareceu.

SILVANA - Desapareceu porque levou o dinheiro, Luís. Parece até que é burro. Pois se eu tivesse botado a mão no dinheiro fazia a mesma coisa. Ia embora pra bem longe.

LUÍS - Você não ia nunca mais dormir tranquila. Dinheiro conseguido desse jeito tira a paz. A prova tá aí. Ninguém mais aqui é o mesmo.

SILVANA - Todo mundo quer mudar, Luís. Menos você.

*Entra Rita, com um ar preocupado.*

RITA – Silvana. Seu Luís. Vocês tão sabendo que Seu Dedé teve a casa invadida?

*Luís olha para Silvana como quem diz “não disse”?*

LUÍS - Vou buscar a menina.

*Sai.*

RITA – Devia falar com Bento também.

SILVANA – O quê? Falar o quê?

RITA – Pra ele tomar cuidado. Não ficar de conversa aí na rua.  
Voltar logo pra casa.

SILVANA – Meu menino nunca foi de rua.

RITA – Vi mais cedo ele de conversa com a filha de Lizete.

SILVANA – De novo?

RITA – É boa menina. Vai ser bom pra Bento se...

SILVANA – *(Interrompendo)* Bom nada. Vê lá se agora é momento pra Bento querer se engrajar com ninguém.

RITA – Ele tá na idade.

SILVANA – Ele tem que melhorar de vida primeiro pra depois procurar criar família. *(mudando de assunto)* Como foi isso de invadir, Rita?

RITA - Entraram lá de noite. Revirando tudo, procurando o dinheiro do avião.

SILVANA - E Seu Dedé pegou, foi?

RITA - Diz que não, que pegaram foi dinheiro do salário dele, levaram até a televisão.

SILVANA - Era polícia?

RITA - Polícia ou ladrão, na hora que mostra as armas você vai fazer o quê? *(Com ironia)* E a delegada disse na televisão que a população tem que pedir a identificação policial. Ai, ai, viu? A arma apontada na sua cabeça e você dizendo: “Quero ver sua identificação!”

SILVANA *(tentando afastar a preocupação)* Vai ver Seu Dedé escondeu dinheiro mesmo, Rita. Não iam ficar entrando assim na casa dos outros.

RITA – Mas como é que a gente sabe quem pegou ou não?

SILVANA – Quem pegou já tá é longe daqui.

RITA – Quem garante? Vão acabar é entrando na casa de todo mundo. Eu já tô aqui rezando pra demorar de chegar de noite. Fico num desespero, não durmo mais, achando que vão entrar na minha casa, fazer sei lá o quê.

SILVANA *(tentando disfarçar)* Quem não deve não teme.

RITA – Pra eles, todo mundo aqui deve, Silvana. Os bandidos entram e se não acham o dinheiro do avião, roubam o que tiver dentro de casa. Pode acontecer com qualquer um. Esse acidente só trouxe coisa ruim.

SILVANA – Pois quem tá com o bolso cheio está achando é muito bom.

RITA – Fique aí fazendo pouco. Eu só queria era dormir tranquila como antes.

SILVANA – Vai pedir proteção pra seus três santos! Cadê os três santos padroeiros? Não era você dizendo o tempo todo que essa terra é abençoada?

RITA – Não brinque com o nome dos santos, mulher.

SILVANA – Eu não tô brincando! Pela primeira vez, eu tô é achando que esses três santos fizeram alguma coisa boa, alguma coisa que preste pra o povo dessa terra. Fizeram o avião cheio de dinheiro cair aqui!

RITA – Você acha mesmo que ter casa invadida no meio da noite, gente apanhando e sendo presa é coisa de Deus?

SILVANA – E era coisa de Deus e dos teus santos essa miséria toda que a gente vive aqui? Cadê esses santos todos que nunca fizeram nada pra tirar a gente dessa miséria? Três! Três santos padroeiros e ainda uma Nossa Senhora da Guia, pra que mais? Pra guiar a gente pra o buraco, pra um fim miserável? Esse avião cair aqui é que foi milagre, Rita. Abra teu olho!

RITA – E quem não pegou dinheiro nenhum? Fica aqui sofrendo?

SILVANA – Já tava sofrendo antes mesmo. Vai ver não foram os escolhidos.

RITA – Você também não foi escolhida, né não?

SILVANA – É, Rita. Fui escolhida pra apodrecer nesse inferno.

RITA - Um filho novo ainda, forte, que tem muito o que viver...

SILVANA – Que tá desperdiçando a vida no roçado por falta de coisa melhor pra fazer. Teve que largar estudo pra sustentar a casa,

porque o pai não dá conta de viver sem estragar tudo o que põe a mão.

RITA – A menina, Silvana. Criança ainda. Precisa de você.

SILVANA – Precisa de remédio. E eu preciso de dinheiro pra comprar remédio. E o dinheiro que entra aqui é pra comprar remédio. E não sobra mais. É isso que é minha vida abençoada por três santos padroeiros. Essa é minha alegria de viver.

RITA – Não tô vendo jeito de conversar com você. Pois se pra você a vida antes não era boa, se prepare, que tá piorando.

SILVANA - Vocês ficam aí se impressionando com as coisas. Eu daqui não vejo nada diferente. Também não posso é nem botar o nariz pra fora por causa dessa menina que me prende aqui é noite e dia.

RITA - Pois você faz é bem de não sair. Lá fora não se sabe mais quem é polícia e quem é bandido. Quem pegou dinheiro, quem não pegou. Não tem mais ninguém inocente.

SILVANA (*tentando se convencer*) Daqui a pouco o povo esquece, Rita. Daqui a pouco esquece.

## **PLANO B**

Bento e Grilo estão no horário de almoço do trabalho.

GRILO – Celular de tirar foto! Esse eu quero é logo.

BENTO – Cala a boca, irmão.

GRILO – Mas eu vou é tirar foto, viu? Vou no restaurante e tiro foto da comida! Vou na praia, vou no shopping, e só na curtição, tirando foto. Vou tirar foto até dessa sua cara feia!

BENTO – Para com isso, Grilo.

GRILO – Relaxa, irmão. Só tem a gente aqui.

BENTO – Relaxa como? Todo mundo desconfiado. Polícia. Bandido.

GRILO – Não tem como ninguém saber.

BENTO – A gente tem que esquecer por enquanto. Torcer pra o tempo passar logo e ir pra longe. É só o que eu quero.

GRILO – Vai fazer como com a família?

BENTO – Não sei ainda. Vou dar meu jeito. Minha mãe eu vou levar. Meu pai... não sei. Mas tem a menina, que vive doente. Às vezes dá vontade de se picar é só.

GRILO – Era mais fácil fugir só. Depois você voltava pra ajudar.

BENTO – Voltar? (*pequena pausa*) Meu pai não vai aceitar não, Grilo. Eu queria ajudar a menina, mas não vejo como. Mas ela tem a ele. Meu pai sempre se preocupou mais com ela mesmo. Minha mãe eu tenho que levar. Não tem jeito.

GRILO – Parece até que você não queria.

BENTO – Não é isso. Mas é que ela não me dá muito espaço. Eu fico só escutando, escutando tudo o que eu tenho que fazer. Sempre foi assim. Eu queria ir embora começar tudo de novo, mudar tudo. Ter outra vida.

GRILO – E Marina? Não leva não?

BENTO – Pensei já. Mas ela cismou comigo.

GRILO – Oxe! Já? Esse rolo nem esquentou e ela já cismou? Que isso, irmão? Não dá no couro não, é?

BENTO – Quer morrer, irmão?

*Grilo ri.*

BENTO – A cisma dela é a mesma da minha.

GRILO – Hum. Sua mãe entrou no meio?

*Bento se dirige a outro plano para contar o que aconteceu.*

BENTO – Só podia.

*Bento tenta fazer um carinho em Marina e ela o rejeita.*

BENTO – O que foi?

*Ela fica em silêncio.*

BENTO - Marina.

MARINA – Cansada, só.

BENTO – Não é isso, não. Você zangou com alguma coisa.

MARINA- Nada não, Bento.

BENTO – Por favor, Marina.

MARINA - Sua mãe encontrou a minha na rua. Foi dizer lera da



gente.

BENTO (*Irritado*) – Disse o quê?

MARINA – Que era pra minha mãe me segurar em casa, que ela não quer saber de namoro te atrapalhando. Disse assim, mesmo: que eu tava te atrapalhando. Que se eu embuchar, minha mãe vai ter que cuidar sozinha.

BENTO – Marina, eu não falei nada da gente pra minha mãe.

MARINA – Mas a minha mãe se achou humilhada. Você sabe que ela é de igreja rígida. Ficou lá gritando que você não me achou na rua. Não sou à toa, sem família não, pra sua mãe vir dizer essas coisas.

BENTO – Eu vou falar com ela, Marina, que ela não pode se meter. Desculpa. A gente não tava se entendendo?

MARINA – A gente tava bem no começo. E já vem sua mãe botar água fria.

BENTO – Esquece ela.

MARINA – Esquece como? Eu não to aqui pra perder tempo, não, Bento. Quero compromisso. Mas com sua família minha mãe já cismou.

BENTO – Mas é a gente que interessa. Não é mãe, nem pai!

MARINA – Não é o quê? Você consegue viver sem apoio de família aqui? Não. E sua família, Bento, já vi que é difícil.

*Marina sai. Bento volta a conversar com Grilo.*

GRILO – Conte pra ela, irmão. Você tem o que oferecer. Duvido se ela não vai contigo.

BENTO – Chega desse assunto. Tá jurado, Grilo. A gente não pode falar.

GRILO – Tá difícil segurar, irmão. Difícil esperar.

BENTO – Mas tem que ser assim. Senão não dá certo. Agora só se pensa nesse avião. Mas uma hora o povo esquece. Deixa a poeira baixar.

GRILO – É. Deixa baixar. *(pausa)*

BENTO – Você sabe se alguém comprou carro novo por esses dias?

GRILO – E o povo daqui tem lá dinheiro pra comprar carro? Pelo menos até agora!

BENTO – Aquele ali. Branco. É de alguém que você conhece?

GRILO – Sei não.

BENTO – Já é a terceira vez que ele passa por mim hoje.

LOCUÇÃO – A delegada Maria da Salette campos Amaral, da Delegacia de São Sebastião do Passé, confirma a denúncia de que falsos policiais estão aproveitando para assaltar a população e afirma que está apurando o caso. A delegada também afirma que apesar das equipes policiais já somarem cerca de 200 pessoas na cidade, ainda não foram efetuadas prisões de assaltantes. Na tentativa de evitar a violência contra os moradores, a Polícia Militar está revistando todos os carros na estrada que leva ao povoado de Maracangalha, a 60 quilômetros de Salvador.

*Fim do segundo ato.*



*Ato 3***PLANO A**

*Hora do jantar. Silvana conversa animada com Bento, enquanto termina de esquentar a comida. Bento sorri sem muito entusiasmo. Silvana assume uma postura mais leve, sua expressão ganha mais suavidade. Durante toda a cena, ouve-se o som da tv que vem do outro cômodo. Principalmente das propagandas dos mais variados produtos, representando os sonhos de consumo que Silvana e Bento passam a ter nesse momento.*

SILVANA – Tá quase pronto, filho! Tô caprichando pra você! (*Percebe a feição reservada de Bento*) Não tá feliz não?

BENTO – Mãe, eu pedi pra senhora não falar nada com Dona Lizete.

SILVANA – Ah, meu filho, não falei nada demais não! Encontrei com ela rápido, foi uma conversinha besta! Você não tem que preocupar com isso agora, Bento. Tem que pensar no seu futuro! Pensar no que a gente vai fazer, onde a gente vai viver! É daqui pra frente, filho. Eu até...

*Luís chega. Eles mudam de assunto.*

LUÍS - A menina?

SILVANA - Assistindo televisão. Já jantou e hoje comeu bem. (*troca olhares cúmplices com Bento*).

*Luís percebe a mudança no clima, mas nada diz. Vai até a porta que dá para*

*o outro cômodo para espiar a menina. Volta e senta-se à mesa.*

LUÍS - Que novidade é essa? Pagaram a conta do açougue, foi?

BENTO - Seu Aguinaldo me deu o adiantamento que fui pedir naquele dia. Dei a minha mãe e ela acertou tudo.

LUÍS - Oxe. Carne de primeira? Tá abusando assim por quê?

SILVANA - Come logo, senão esfria.

LUÍS - Falta de juízo, pegar adiantamento e esbanjar tudo num dia! E depois faz como, moleque?

BENTO - Uma vez só, pai. A menina até comeu melhor.

LUÍS - Vocês tão brincando com coisa séria. Ainda mais agora que esse povo tá é todo desconfiado. Num viram o que fizeram com Alumínio não?

SILVANA - Rita contou que ele tava com trinta mil do avião. Enterrou na lata de leite, o sabido!

LUÍS - Pois ele confessou e devolveu tudo depois de muito apanhar lá na delegacia! Só to vendo a sabedoria!

BENTO - Exagero desse povo, meu pai.

LUÍS - Exagero nenhum! Eu bem vi a cara dele inchada de tanto soco. Tomou tanto murro que tão achando até que ficou meio doido.

SILVANA - Oxe! Só se foi mais doido! Alumínio já num era certo!  
(ri)

LUÍS - Fique aí na brincadeira. Pois lá no bar tavam dizendo que ele ficou todo estranho depois que a polícia soltou. Já viram ele lá no lugar onde o avião caiu correndo, gritando, dizendo que o cachorro da polícia estava atrás dele.

*Silvana ri mais. Busca o olhar cúmplice de Bento que retribui sorrindo.*

LUÍS - Não sei o que é de rir nessa história. O pobre apanhou foi muito na delegacia. Num tiveram pena. Agora a mulher de Alumínio ainda disse que vai embora mais os filhos. Ele vai ficar aí, à toa.

SILVANA - Certa ela, largar um doido desse. Deixe de lado esse Alumínio e vamos comer em paz. Tá boa a carne, filho?

BENTO - Tá, mãe.

*Eles comem em silêncio por um tempo. Nesse momento ouve-se com clareza propagandas conhecidas que estão passando na TV do outro cômodo. O silêncio é rompido por três homens encapuzados que invadem a casa. Os homens gritam, perguntam pelo dinheiro do avião repetidas vezes, enquanto quebram objetos, derrubam cadeiras e batem na família. Um deles vai até o outro cômodo e aumenta o volume da TV. Em meio aos gritos, ruídos de objetos se quebrando, violência e tentativa de reação por parte dos personagens, é possível ouvir trechos de reportagens e depoimentos misturados ao áudio da TV.*

LOCUÇÃO – O aposentado Válter Dórea disse que na madrugada de anteontem três homens armados invadiram a sua casa e levaram um aparelho de televisão, um rádio e uma espingarda.

DEP. – O homem veio e torceu o braço do meu menino e ainda pedi a ele, por Jesus, que não fizesse nada com o menino.

LOCUÇÃO – Quem também sofreu agressões foi o vaqueiro Severino da Conceição. Ele foi retirado de sua residência por três homens

encapuzados que se diziam policiais.

DEP. – Eles me disseram que me levariam pra delegacia, mas me levaram para o matagal. Eu pensei que fosse morrer de tanto apanhar.

*Depois que os homens vão embora, a cena fica em suspenso por um tempo. O silêncio é quebrado por Silvana, que cai no choro. Ela chora durante toda a cena.*

LUÍS - Você pegou, Bento.

BENTO - Eu não peguei.

LUÍS - Pegou esse dinheiro maldito. Você pegou.

BENTO - Não.

LUÍS - Fale a verdade, moleque.

BENTO - Eu tava perto quando aconteceu. Vai ver os homens acharam que eu peguei, mas eu não...

LUÍS (*Interrompendo, cada vez mais alterado*) - Você pegou e sua mãe sabia.

BENTO - Eu não...

LUÍS (*gritando*) - Seja homem! Vocês tão achando que o besta aqui não vê as coisas, não? Vocês de conversinha, comprando carne pra janta.

BENTO - Foi o dinheiro do adiantamento.

LUÍS (*parte pra cima, ameaçando bater*) - Diga logo, moleque! Não me faça de besta!

SILVANA - Deixa o menino! Deixa!

LUÍS (*Batendo em Bento*) - Vai devolver! Vai na polícia agora devolver!

SILVANA - Deixa o menino!

LUÍS - De tanto que eu falei! Que esse dinheiro tem dono! Vocês tão achando o quê? Vão voltar! Eles vão voltar! Vocês vão esperar eles fazerem o pior!

SILVANA - Larga o menino! Não tem dinheiro nenhum! Não tem!  
(*chora*)

*Pausa. Luís anda pelo espaço. Depois vai para o interior da casa. Silvana abraça Bento e ficam em silêncio. Passagem de tempo.*

LOCUÇÃO – Por conta da violência, muitos moradores foram embora. Metade das casas está fechada.

DEP. 1 – Se você fica, eles te batem pra mostrar onde está o dinheiro. Se muda, vão atrás, achando que você fugiu com o dinheiro.

LOCUÇÃO – Qualquer pessoa estranha assusta o povoado, que também convive diariamente com a desconfiança.

Amanhece. Silvana arruma a cozinha. Bento está debruçado sobre a mesa. Rita entra.

RITA – Silvana! Tô entrando. (*Estranha a bagunça na cozinha e o semblante de Silvana*) Que aconteceu, mulher?

SILVANA - Nada não.

RITA - Não vai me dizer que entraram...



SILVANA - Não foi nada, Rita. Discussão aqui com Luís. O de sempre. Foi isso.

RITA (*desconfiada*) E Bento? Tá bom, filho?

BENTO - Tudo certo.

RITA - Machucou o braço?

SILVANA - Luís bebeu ontem e discutiu, Rita. Deu nisso aí.

*Entra Luís.*

LUÍS - Dia, Rita. Vai sentando.

RITA - E a menina, Seu Luís?

LUÍS - Vai levando.

RITA - Coisa triste é criança doente.

LUÍS - E tem gente que nem liga. Não tem pena. Gente sem coração.

RITA - E não é?

*Um breve silêncio. Rita observa a família, sente o clima estranho.*

RITA - Pois então, Silvana. Me disseram lá no açougue que você pagou a conta. Comprou carne boa. Seu Luís arranjou trabalho, foi?

BENTO - Foi um adiantamento que eu peguei.

RITA - É, né, filho? (*pausa*) Vocês tão sabendo que os homens do tal

carro branco entraram numas casas ontem de noite?

SILVANA - Não.

RITA - Tão procurando aí quem ainda tá com o dinheiro do avião. Deve ter gente ainda escondendo, né?

SILVANA - Quem pegou já deve ter sumido tudo, Rita.

RITA - Esse dinheiro tá tirando a paz da gente, e só tá piorando. Enquanto ainda tiver gente com dinheiro do avião essas polícias e esses bandido não vão embora.

LUÍS - Tem que devolver logo. Pra esses homens ir embora daqui.

RITA - Pois é, Seu Luís. E o povo tá tudo desconfiado. Qualquer um pode estar com o dinheiro, né não? Aí vê gente pagando dívida, comprando carne...o povo já começa a falar.

SILVANA - Só faltava essa. Ter que dar conta da minha vida pros outros.

RITA - Pois agora essas coisas se espalha.

SILVANA (*para Luís e Bento*) Então foi por isso que ontem...

RITA - (*Interrompendo*) Invadiram aqui ontem, num foi?

*Silêncio.*

RITA - Tá mentindo por que, Silvana? Ninguém saiu pra ver, mas juraram que ouviram barulho, gritaria aqui na sua casa...

LUÍS - Foi briga nossa aqui, Rita. Coisa nossa que a gente vai resolver.

RITA - Tava conversando aí fora. Nós tamo se juntando pra trazer a paz de novo pra nossa terra. Se a gente ficar sabendo de gente escondendo dinheiro por aqui, nós entrega. Não tem mais amizade, não. É pro bem de todos. *(pausa)* Então, se ficarem sabendo de alguma coisa, contem pra nós. Até mais, Silvana, Seu Luís e Bento.

*Rita sai.*

SILVANA - Então vai ver que foi por isso, Luís. Invadiram por causa da conta do açougue. Mas se foi por isso deve até ter sido gente conhecida. Por isso tava tudo encapuzado!

LUÍS - Não se confia mais em ninguém. Dinheiro maldito. Maldito. Eu to avisando. Essa maldição não quero dentro da minha casa. Vai cuidar da tua filha doente. Eu vou procurar ocupação pra o povo não ficar falando. E você não sai de casa. Fica com a menina e esquece esse dinheiro maldito.

*Silvana fica só e em silêncio. Quebra o silêncio repetidamente com um soco na mesa. Esse é o sinal para gerar um grande movimento no palco.*

## **PLANOS A E B**

*Todos os atores entram na cena, num ritmo intenso, que traduz o turbilhão que acontece na vida de todos os moradores do distrito.*

DEP. – Eles estão invadindo pelos fundos das casas, armados. Estão tomando dinheiro das pessoas, inclusive, às vezes, até dos salários.

DEP. – De fato, há sinais de arrombamento em algumas casas, mas não é possível dizer se os atos foram feitos por policiais.

**PLANO A**

*Luís chega em casa. Silvana está sentada à mesa, angustiada. Luís toma um gole de cachaça, fica um tempo na cozinha e vai para o interior da casa.*

**PLANO B**

*Bento anda entre os atores, procurando por alguém.*

**PLANO A**

*Luís grita no interior da casa.*

LUÍS - A menina! Acorde, Silvana, a menina está passando mal!

*Silvana corre para o interior da casa.*

**PLANO B**

DEP. – Ninguém pode alegar que não sabia que estava cometendo um crime.

DEP. – É impossível eles não saberem que estavam cometendo uma ilegalidade quando violaram os malotes bancários e fizeram os saques.

*Bento ainda procura alguém.*

**PLANO A**

*Silvana volta e bota água no fogo pra fazer compressa. Olha pela janela.*

**PLANO B**

DEP. – É engraçado quando todo mundo critica e acusa os políti-

cos de ladrões ou coisa parecida. Muitos fazem isso mesmo. Mas não vi ninguém acusando esse povo que pegou o dinheiro de desonesto. Nesse país quem devolve dinheiro vira herói nacional.

*Bento vai se aproximando de Marina.*

## **PLANO A**

*Luís grita novamente do interior da casa. Silvana corre para ajudar.*

## **PLANO B**

*Bento e Marina se encontram.*

BENTO - Marina.

MARINA – Não quero conversa, Bento.

BENTO – O que eu te fiz, Marina? Já tem tempo que eu tento conversar.

MARINA – Mas eu não quero.

BENTO – É importante.

MARINA – Não posso, Bento. Estão tudo com medo lá em casa. Já está anoitecendo, preciso entrar.

BENTO – É rápido.

MARINA- Você não tá vendo o perigo que tamo passando aqui na rua? Eu tenho que entrar.

BENTO – Olha, você disse. Disse que aqui não se vive sem apoio

de família, que a minha é complicada... E se a gente for embora?

MARINA – Embora o quê, Bento!

BENTO – Só escute. A gente vai embora e vive nossa vida. Longe.

MARINA – Tá falando do quê?

BENTO – Só me responde: Se tivesse como, você ia comigo?

MARINA – Me deixe, Bento.

BENTO – Só me responde?

MARINA – Se tivesse como! *(pausa)* Bento. O avião. Você tava lá? Pegou?

BENTO – Não fala nada! Só responde o que eu perguntei!

MARINA – É isso mesmo? Você...Quanto?

BENTO – Só responde!

MARINA – E você quer me levar?

BENTO – Se tivesse como, você ia?

*Ele confirma com o olhar a suspeita dela sobre o dinheiro do avião. Ela reage num misto de alegria e medo.*

BENTO – Eu vou. De qualquer jeito. Mas queria mesmo é que você viesse junto.

MARINA – Eu...Eu tenho que pensar! Eu vou falar com...

BENTO – *(Interrompendo)* Com ninguém, Marina! Não pode falar.

MARINA – Mas minha mãe...

BENTO – Se você falar a gente corre risco. Pense e não fale nada! Agora entre que já tá escuro. Fique aí e não fale nada.

## **PLANO A**

*Silvana entra na cozinha e olha pela janela, aflita.*

## **PLANO B**

*Dois homens encapuzados seguram Grilo à força.*

GRILO – Eu não peguei nada!

HOMEM 1 *(Ameaçando)* Não vai falar não? Não vai falar por bem?

*Os homens começam a torturá-lo.*

DEP. - O trabalhador rural Antônio Santos Filho e dois amigos foram sequestrados por três homens que se diziam policiais.

GRILO – Eu não peguei nada, juro!

*A Tortura continua.*

DEP. – A tortura durou quatro horas. Santos Filho chegou a ser baleado na perna.

GRILO – Eu tava com Bento. A gente não viu nada!

*Continuam a tortura.*

DEP. – Jailton de Jesus Santos, 28 anos, sobrinho da desempregada Laura dos Santos, morreu fuzilado em Maracangalha por homens que também estavam num Corsa Sedan de cor branca. O crime ocorreu por volta das 14h de 11 de junho.

GRILO – Eu digo. Eu digo!

HOMEM 1 – Boa, garoto. Vai dizer também onde esse seu amigo escondeu.

GRILO – Eu não sei!

*OS homens o agredem novamente. Grilo cai no chão.*

HOMEM 2 – O jeito agora é ir atrás do outro.

## **PLANO A**

*Bento entra em casa e abraça Silvana. Logo depois.*

## **PLANO B**

RITA (*desesperada*) – Pegaram Grilo!

*(pausa)*

## **PLANO A**

*Ao ouvir o grito de Rita, Bento sai desesperado.*

DEP. – Depois de torturas, espancamentos, tentativas de homicídio e um assassinato, e que foram praticados por homens que se apresentavam como policiais, escondendo o rosto por trás de capuzes, moradores de Maracangalha seguem a chamada lei do silêncio. Muitos abando-



naram suas casas e fugiram com medo de serem mortos.

## **PLANO A**

*Silvana espera angustiada. Bento chega, abatido. Senta-se. Silvana espera que ele fale algo, ansiosa.*

BENTO - Grilo. Meu irmão.

SILVANA - Será que ele falou? Ele falou?

BENTO - Vou embora, mãe.

SILVANA - Filho!

BENTO - Me arranje duas muda de roupa. Vou sair agora.

SILVANA - Vai pra aonde, filho! E eu?

BENTO - Vão me pegar também, mãe. É questão de tempo!

SILVANA - Eu vou mais você.

*Bento começa a ajeitar as coisas*

BENTO - Não dá, mãe.

SILVANA - Não fico aqui sem você, não fico!

BENTO - Agora tem perigo!

SILVANA - Não preocupa, meu filho. Vai dar certo.

BENTO - Você fica, mãe.

SILVANA (*Agressiva*) - Você disse que ia me tirar daqui, Bento.

BENTO - Eu vou, mãe. Mas agora não dá. Se for mais gente agora, vai chamar atenção.

SILVANA - Só eu e você, filho! A gente sai agora!

BENTO - Eu vou com Marina, mãe.

*Silvana olha pra Bento, transtornada.*

BENTO - A gente só vai adiantar uns dias o que já tava combinado.

SILVANA (*tentando esconder a decepção*) Que bom, filho, que vocês se acertaram. Ela é bonitinha, boa moça. A gente vai se dar bem.

BENTO - A mãe dela vai com a gente. Se não for assim, Marina não vai. Ela disse que não larga a mãe sozinha no mundo por nada. Entendeu, mãe? É muita gente pra ir de vez. A senhora fica. Dou um jeito da senhora encontrar com a gente depois.

SILVANA - Filho.

BENTO (*Entregando um celular*) Fica com esse telefone que eu arran-jei. Guarda. Eu ligo pra esse telefone.

SILVANA – Filho.

BENTO - Eu vou sair já. Não tem mais tempo, a senhora sabe. Olhe pra mim. Quando a poeira baixar, você vem, mãe.

SILVANA - Filho.

BENTO - Espere eu ligar. Eu juro que ligo.

*Bento tenta abraçar a mãe. Silvana resiste um momento, mas depois deixa-se abraçar. Bento sai. Longo silêncio.*

*Luís entra. Se olham longamente.*

LUÍS - A menina dormiu. Agora a gente conversa.

SILVANA - Não sei o quê.

LUÍS - Você ainda vai querer me fazer de besta.

SILVANA - Vou aproveitar que a menina dormiu e vou ali falar com Rita.

LUÍS - Ele foi embora, não foi?

*Silvana não responde.*

LUÍS – Eu vou saber de qualquer jeito. Não se esconde mais nada por aqui.

*Silvana desaba. Chora.*

LUÍS - Fizeram tudo nas minhas costas. Você e teu filho. Por causa desse dinheiro amaldiçoado. (*inconformado*) Tudo o que não podia vocês fizeram. Tudo pelas minhas costas. Olha o que esse dinheiro fez, Silvana. Veja onde você está agora. Te largou aqui, seu filho querido que ia te tirar da miséria. Ficou o tempo inteiro querendo me fazer de besta, mas a besta aqui é você. Vocês vão pagar caro por não ter me escutado.

SILVANA - Eu vou lhe escutar pra que, Luís? Pra quê? Vou lá ouvir trela de cachaceiro, vagabundo. Um ninguém, que não consegue segurar um emprego? Um bosta que levou a gente pra essa miséria que a gente vive? Pra que vou escutar um nada que nem você? Não te escuto

e não te vejo. Você não existe tem é tempo nessa casa. Só você não percebeu ainda.

LUÍS - É você que não existe. Você já morreu faz tempo e não sabe, Silvana. Você é um pedaço de carne que anda, mas não sente nada. Nem a sua filha, criança, doente você enxerga mais. Pois se escutasse ainda um tantinho. Você e esse seu filho não tinha feito essa besteira de fugir com dinheiro de ninguém.

SILVANA - É dele! Ele achou, não roubou de ninguém. Todo mundo que estava lá fez isso! Só você não ia pegar, num é Luís? Porque nada pra melhorar a vida você faz. Você só sabe é acabar com tudo.

LUÍS - E você sabe o que é certo. É fugir, como se fosse bandido também.

SILVANA - É aproveitar pra se agarrar na chance de mudar. Eu já me agarrei. *(mostra o celular)* Ele vai me ligar e eu vou encontrar com ele.

LUÍS - Ele vai te ligar. Ele disse isso?

SILVANA - Vai ligar, sim. Vou viver pra esperar esse dia. Quando ele ligar, pego a menina e sumo daqui.

LUÍS *(reagindo com muita violência)* A menina você não leva!

SILVANA - Me solte!

*Luís segura com mais força.*

LUÍS - Vá só! Já vai tarde! Mas a menina fica. Não confio em você pra cuidar da minha menina. Ela precisa de quem cuide. Ela não vive num lugar cheio de mentira.

*Enquanto fala e esbraveja, vai levando Silvana em direção a porta, como se fosse expulsá-la. Quando chegam perto, percebem uma presença que os paralisa de medo. .*

SILVANA - É o carro branco. É o carro que levou Grilo.

*Os três homens encapuzados entram. Um deles já passa para o interior da casa. Luís tenta impedi-lo, mas é empurrado com força por um dos homens.*

HOMEM 1 - Aonde ele foi?

HOMEM 2 - Já se sabe que teve um fujão aqui, dona. Aonde ele foi?

SILVANA - Não sei.

*Ela mal termina de responder e leva um forte tapa no rosto.*

HOMEM 1 (para Luís) - Aonde ele foi?

LUÍS - Eu não sei.

*O homem ameaça atirar na testa de Luís.*

SILVANA - Eu não sei! Ele não disse! Eu não sei!

HOMEM 1 - A gente faz uma coisa, dona. A gente não vai atrás dele agora. A senhora é que vai.

SILVANA - Meu filho não está com dinheiro nenhum!

HOMEM 1 - Vai mandar ele voltar agora.

SILVANA - Eu não sei dele! Ele não disse pra onde disse, não disse!

HOMEM 2 - Não sabe. Que pena. Então já vamos. O outro já pegou a menina, saiu com ela pelo outro lado.

*Luís se desespera. Vai até o interior da casa e volta transtornado.*

HOMEM 2 (*apontando para a porta*) - Olha ali. Tá vendo ela ali, dentro do carro?

*Luís tenta sair, o outro homem o segura*

LUÍS - A menina não! Ela não!

HOMEM 2 - Ela vai com a gente. Fica com a gente até vocês resolverem falar.

LUÍS - Fala, Silvana! Fala!

SILVANA - Eu não sei!

HOMEM 1 - É pena. Porque quando a gente bota alguém nesse carro, é pra machucar. É pra torturar. Se é mulher, é até pra violentar, tá entendendo? Vocês tem que entender. Nós não tem pena. Vocês é que tem que ter pena daquela que nós tá levando com a gente.

Luís tenta impedir que os homens saiam. Leva tapas e chutes. Fica no chão. Silvana, que já estava caída no chão por causa do tapa que levou, fica em estado de choque. A cena que se segue acontece toda no chão. Luís e Silvana não parecem mais humanos.

LUÍS - Levaram a menina. Levaram.

*Silvana, assustada, fica em silêncio.*

LUÍS - A menina não. Onde é que tá ele?

SILVANA - Eu não sei!

LUÍS - Se ela morrer, Silvana...Se ela morrer...

SILVANA - Eu não sei. Ele não disse nada.

LUÍS *(com a força que lhe resta)* - Levaram a menina!

SILVANA - Ele não deixou nada. Não disse nada. Só me mandou esperar, que ele ligava.

LUÍS - Então tem que esperar ele ligar.

SILVANA - É o jeito. Esperar ligar.

LUÍS - Ele não vai ligar, burra. Burra!

SILVANA - Ele liga sim! Ele prometeu!

LUÍS - Tanto que você queria, que você conseguiu, Silvana. Me tirou a menina. Acabou comigo.

SILVANA - Você acabou com essa família bem antes, na estrada, Dirigindo aquele ônibus. Naquele acidente infeliz.

LUÍS - Você vem com esse assunto agora.

SILVANA - Foi ali que você acabou com tudo! Que essa família morreu. Que você acabou com a vida do teu filho!

LUÍS - Foi um acidente.

**PLANO B**

RITA – Ele tinha conseguido um emprego de motorista. Levava os peões pra base de Taquipe. Tava tudo arranjado. O menino mais velho não ia precisar trabalhar. Ia poder seguir estudando até pegar diploma e conseguir cargo bom, lá mesmo, na Petrobrás. O futuro do menino já tava traçado. O filho ia salvar a família.

**PLANO A**

SILVANA - Você acabou com a gente, com nosso futuro no dia que dirigiu bêbado, aquele ônibus, Luís.

**PLANO B**

RITA – Pois não foi? Ele disse que tava era todo mundo bêbado. Que ele aprendeu a beber foi ali mesmo, na amizade com os peões. Mas a culpa ficou só pra ele. Foi demitido por justa causa. Não conseguiu mais trabalho em lugar nenhum.

**PLANO A**

LUÍS – Vai desenterrar esse assunto por quê? Nossa menina vai morrer.

SILVANA - Já tá tudo morto, essa família já tá morta e ela ia morrer de qualquer jeito, doente, nessa miséria.

**PLANO B**

RITA – A menina tinha acabado de nascer quando tudo aconteceu. Já nasceu doentinha, sem saúde. A situação da família complicou demais. Já não tinha dinheiro. E o que entrava era para comprar remédio.



**PLANO A**

LUÍS – Você nunca teve amor por essa menina. Como é que pode, uma mãe!

SILVANA – Essa menina já nasceu morta, Luís. Só você ainda acha que ela vai crescer. O único que ainda tinha jeito de sobreviver é Bento. E você quer que ele volte pra esse inferno de novo!

LUÍS - Não é em seu filho que você tá pensando não. É em você! Você espera é ele vim te buscar. Não é ele que você quer salvar, é você!

SILVANA - Sempre foi assim. Era ele que tinha que me salvar. Era ele. Não você.

*Toca o telefone. Silvana corre pra atender. Luís fica na expectativa.*

SILVANA - Bento? Filho! Você tá bem? Eles já sabem, filho. Tão tudo atrás de você. Fique aí, Bento, se esconda.

LUÍS - Volte agora! Pegaram tua irmã! Volte agora com esse dinheiro maldito!

SILVANA – Não volte, filho! Eu te espero! Uma hora o povo esquece. Aí você vem buscar sua mãe! Eu te espero, filho!

**PLANO B**

RITA – Ele não voltou. Também não ligou mais. Não se sabia nem como começar a procurar. A mãe abandonada, era um trapo em forma de mulher. O pai, uma sombra de homem, esperando não se sabe o quê. Depois de uns dias veio a notícia. Encontraram a menina. Muito machucada, mas ainda viva. Luís recuperou a menina. Ficou com ela. Só ele podia ainda cuidar dela.

**PLANO A**

SILVANA – Vou-me embora, Luís.

LUÍS – E vai como? Pra onde? Ainda vai acha que vai encontrar teu filho?

SILVANA – Não sei como e nem pra onde. Viver na rua, sem rumo ainda é melhor que continuar aqui. Esperando qualquer coisa. Uma coisa bonita, melhor ou até pior. Eu não consigo mais esperar.

LUÍS – Pois então não espere mais. Vá viver sua vida e pronto. Se conforme.

SILVANA – Não se vive sem esperar alguma coisa. Sem sonhar com uma coisa boa. Até você Luís, vive pra esperar. Esperar que a menina melhore, cresça. Ela é sua esperança. Como eu já tive a minha. Agora eu não espero, nem desespero. Não quero mais nada da vida.

LUÍS – Então nem adianta lhe desejar boa sorte. Só que vá. E me deixe em paz.

**PLANO B**

RITA – Essas histórias a gente guarda com a gente. Eu acho até que deviam morrer com a gente. O que veio do céu foi uma maldição. Uma maldição pra todo esse povo. Um povo que já tinha conhecido fartura nos tempos da Usina e que também conheceu o terror, pagou os pecados de não se sabe quem. Será que foi vingança dos mortos do avião? Será que foi provação divina pra testar nossa usura? Ninguém vai saber. A única coisa que eu sei é que se esse avião tivesse caído em região de gente rica, ninguém tinha entrado assim, nas casas das pessoas, tirando até o que não se tinha, tratando essa gente feito bicho. Mas acho que numa coisa, Silvana podia estar certa. Não tem três santos padroeiros e

nem Nossa Senhora da Guia que nos proteja. Não se pode acreditar no que vem do céu de Maracangalha.

*FIM*



O texto deste livro foi composto em fonte Garamond corpo 12 e 14,  
impresso em papel Offset 90g, na Gráfica e Editora Linceu, em 2019.

Depois do sucesso da primeira edição, lançada em 2016, o Selo Literário João Ubaldo Ribeiro tem a honra de trazer mais um conjunto de obras produzidas por novos e consagrados autores baianos. Para garantir a diversidade de gêneros, foram mantidos os estilos Conto, Crônica, Dramaturgia, Infantil, Poesia, Romance, Republicação e Livre.

A continuidade dessa iniciativa demonstra o quanto Salvador necessitava de uma ação que pudesse incentivar, valorizar e apoiar a produção literária local. Afinal, as belezas, a cultura, as tradições e as contradições da primeira capital brasileira serviram de estímulo e inspiração para grandes nomes da literatura brasileira e mundial, dentre eles o próprio baiano João Ubaldo Ribeiro, que dá nome ao selo.

Com o Selo Literário, a Prefeitura e a Fundação Gregório de Mattos prosseguem com a missão de investir no mais importante elemento de identidade da capital baiana: a cultura.

*ACM Neto*